

**“RECONHECER A FORÇA, A VIDA, A PULSAÇÃO QUE VEM DO CAMPO,  
É UMA TAREFA PEDAGÓGICA”<sup>1</sup>**

*Recognize the strength, the life, the pulsation which comes from the field,  
is a pedagogical task*

SILVA, Carlos Eduardo Mazzetto<sup>2</sup>

Inicialmente, queria agradecer de coração essa lembrança e essa escolha de vocês que muito me alegrou, me honrou e me emocionou. Alguns de vocês conhecem minha trajetória e essa escolha me diz que ela faz algum sentido nos dilemas e desafios que os povos do campo enfrentam e nas suas lutas pelos direitos que lhes são historicamente negados. Isso me reabastece. O significado disso é ainda mais saboroso porque vocês formam uma turma especial e que, a meu ver, marca a história da FaE por dois aspectos fundamentais.

É a segunda turma do curso de Licenciatura em Educação do Campo que se forma. A partir da turma subsequente passa a se estabelecer uma regularidade do curso de Licenciatura do Campo, marcando o início de uma relação mais sistemática e duradoura da FaE com o campo, com as questões do mundo rural mineiro e brasileiro. É a penetração e a visibilidade desse mundo, em geral invisibilizado pela ideologia da modernidade urbana que se impõe. E é mais um passo da FaE para incorporar a diversidade dos sujeitos sociais que formam nossa sociedade, especialmente em se tratando de setores historicamente subalternizados. Vocês cumpriram um papel importante nesse processo.

O segundo aspecto é que vocês formam uma turma que tem uma personalidade especial (e aqui o sentido coletivo do termo “turma” é completamente pertinente). O nível de consciência sociopolítica e a atuação de muitos como lideranças se somam a uma alegria, um espírito coletivo e uma fome de conhecimento que não são comuns hoje na universidade brasileira. Minha sensação de professor com vocês foi sempre de me sentir carinhosamente acolhido, atenciosamente ouvido e curiosamente questionado. As aulas eram sempre momentos de troca muito ricos e agradáveis, dessas que nos dão a sensação de felicidade de ser professor. Espero que vocês experimentem muito essa sensação no exercício desse ofício no qual agora estão sendo diplomados.

---

<sup>1</sup> O texto aqui apresentado refere-se ao discurso de formatura da segunda turma de Licenciatura em Educação do Campo - “Turma Dom José Mauro”, formada em dezembro de 2011 pela Faculdade de Educação da UFMG. Ele é apresentado aqui, também, como uma homenagem póstuma do Conselho Editorial da Revista TRABALHO & EDUCAÇÃO e, de modo emocionado, da Comissão Organizadora deste DOSSIÊ TRABALHO E EDUCAÇÃO: DIVERSIDADE E LUTAS SOCIAIS NO CAMPO, ao amigo “Mazzan”, professor e militante das causas em defesa da vida e dos povos do cerrado brasileiro. A ele o nosso “muito obrigado” e o nosso compromisso permanente com as lutas populares do campo.

<sup>2</sup> Professor de Geografia Agrária da FaE/UFMG (*in memoriam*).

Queria falar um pouco desse mundo rural e da relação com a educação do campo.

A modernização conservadora do campo reforçou, nos anos 80, a ideia do rural como atraso – o velho, algo que precisa ser superado. A ideia de generalização da cultura urbana desqualificava a pertinência do rural como espaço portador de riquezas e singularidades.

Dava-se o êxodo rural e o esvaziamento demográfico do campo como naturais numa sociedade em processo de urbanização. Urbanização, aliás, questionada por alguns autores que acham mais pertinente o termo “desruralização”, tal a violência do processo de expulsão do campo e tal a precariedade disso que é chamado de urbanização. Talvez fosse mais próprio falar de periferização ou favelização. De qualquer forma, o lugar dos rurais seria secundário, quando o centro de tudo é a cidade, cada vez mais metrópole, cada vez mais megalópole. Alguns anunciavam mesmo o fim do campesinato.

Não há dúvida que há um rural esvaziado, concentrado, homogeneizado, destruído, contaminado pela artificialização imposta pelos complexos do agro e de outros negócios. Um rural da mercadorização do trabalho e da natureza.

Mas, dialeticamente, há também um rural da resistência da vida, do lugar de viver, da perspectiva da efetivação de novos direitos territoriais e sociais que envolvem uma diversidade de atores: sem-terra, quilombolas, indígenas, comunidades tradicionais, atingidos por barragens e outros que formam esse rico universo do campesinato brasileiro.

E há um maior embricamento da questão agrária com a questão ambiental. Há uma crise socioambiental que recoloca o lugar do campo na disputa pelo projeto de sociedade, na possibilidade de ser território do futuro, *locus* fundamental da construção de sociedades sustentáveis. Isso me parece um valor fundamental para a educação do campo. É no campo que se manteve ainda comunidades conectadas com a natureza, elo perdido na vida encaixotada das metrópoles. Temos que reconhecer e dar visibilidade a essa nova perspectiva do mundo rural vivo, pulsante, que quer continuar a ser rural, sendo simultaneamente também cada vez mais aberto e permeável à relação com o urbano e articulado às questões e aos impasses que atravessam as sociedades contemporâneas.

Há um rural que contesta a ordem do capitalismo global, que abriga movimentos sociais que lutam por uma outra ordem societária e que propõe outros estilos de vida, diferentes da modernidade urbano-industrial. Novas e velhas sociabilidades – a solidariedade que continua viva em várias comunidades rurais, a própria possibilidade de se falar ainda em comunidade no mundo da competitividade individualista. Novas e velhas relações entre comunidades e os ecossistemas nos quais estão inseridas – a sociobiodiversidade que os ambientes naturais e socioculturais do campo abrigam, neste país tão rico que tem Amazônia, Cerrado, Pantanal, Caatinga, Mata Atlântica, Pampa, Cocais, mangues, restingas, mares.

Em todos esses biomas e ambientes há povos que podemos chamar de tradicionais ou camponeses ou agricultores familiares, como quiserem. São esses povos que são hoje os principais defensores desses ambientes

ameaçados por uma série de iniciativas e negócios que não guardam nenhuma relação com esses lugares, mas sim com a lógica da acumulação. É o “ecologismo de sobrevivência”, como classificou o economista espanhol Martínez-Alier se referindo ao exemplo de Chico Mendes. São esses povos que detêm o conhecimento mais profundo das dinâmicas ecológicas que regem esses ricos ecossistemas brasileiros. Esse é um saber não acadêmico, a meu ver, fundamental numa proposta dialógica e emancipatória de educação do campo.

Inesperadamente, num mundo onde o urbano é o centro, é do rural que mais fortemente vem o grito de resistência à mercadorização de tudo.

Reconhecer essa força, essa vida, essa pulsação que vem do campo é uma tarefa pedagógica para nós todos. Mas isso não quer dizer que devemos ignorar os problemas e mazelas que o povo do campo enfrenta. Há um grave déficit de democracia no campo, como sabemos. A terra passa por um novo processo de concentração no contexto da globalização e as comunidades rurais se veem invadidas pelos complexos que embasam nossa economia colonial-exportadora. Há assassinatos de lideranças todos os anos, sempre entre os melhores quadros que o campo produz. Os mecanismos de controle social sobre as regiões rurais são frágeis, o Estado ignora as especificidades sociais e ambientais locais. É PAC, é obra, é barragem, é indústria, é mineração, é monocultura, depois a gente vê o que fazer com o povo e a natureza. Tudo para concentrar e exportar recursos, explorar nossa força de trabalho e alimentar um padrão de consumo que nós já sabemos que é insustentável. Os povos do campo não são protagonistas dos projetos que devem dinamizar as economias locais, mas são atingidos pelos projetos megalomaniacos que destroem comunidades e ecossistemas.

A democracia está para ser construída e passa, obrigatoriamente, por um maior controle das comunidades sobre o destino do seu lugar. Isso remete àquela **autonomia** que sempre foi uma característica e, ao mesmo tempo, busca permanente das comunidades camponesas. Essa autonomia passa hoje, antes de mais nada, pela luta, pela defesa, pela proteção, pela recuperação de seus territórios – a terra é a Mãe, a base, o direito primeiro. Sem o acesso a ela, não existe democracia. A terra privatizada, capturada pelo valor mercantil, é a negação do chamado **Estado Democrático de Direito** que os políticos gostam tanto de alardear quando os interessa. É claro que não é essa democracia que vai gerar a autonomia e a emancipação social.

Essa é a democracia fraca ou débil, como diria Boaventura de Souza Santos. Uma aberração custeada, não esqueçamos nunca, com o dinheiro da sociedade. Mas já foi pior, não podemos esquecer dos tempos obscuros da ditadura.

Precisamos radicalizar a democracia para reverter as relações de poder que, desde 1500, estabeleceram uma relação de prosmicuidade do Estado com as elites econômicas (hoje, mais do que nunca articuladas globalmente) e construíram e cristalizaram as gritantes desigualdades que marcam nossa sociedade.

Cabe à educação do campo uma tarefa bonita e desafiante de ruralizar a pedagogia das escolas do campo e exercitar o diálogo da ciência com o saber camponês, sem deixar de fazer as relações do rural com o urbano, do local com o global.

Mas cabe também uma tarefa política, que não se separa do pedagógico, de fortalecer os mecanismos de resistência e revitalização das comunidades no seu território e de reinvenção de uma democracia a partir dos locais e dos atores que efetivamente tem uma relação duradoura e não mercantil com o território – esse processo é o que pode construir a tão falada, mas pouco praticada, noção da sustentabilidade. Ela é, antes de tudo, local. É a partir dos locais que se pode construir a sustentabilidade global.

Pelo que conheci e aprendi com vocês, o diploma é importante, mas não um fim em si mesmo. Creio que ele é uma ferramenta de luta para esses desafios político-pedagógicos dos quais dependem o futuro dos povos do campo e das diversas paisagens agrárias que os abrigam. Estaremos juntos nessa empreitada.

Vocês nos ensinaram muito, nos tornaram mais fortes por saber que há ou pode haver uma renovação de lideranças no campo e articulada estadualmente, pois há formandos aqui de praticamente todas as regiões de Minas.

Mantendam essa energia coletiva e alegre que disseminaram na FaE nestes anos de curso.

Muita luz e parabéns a todos e todas.

Carlos Eduardo Mazzetto Silva – 02/12/2011

**Data da submissão:** 04/12/12

**Data da aprovação:** 20/12/12